

CAPÍTULO PRIMEIRO

Num dia de Abril de 1957, pela hora da tarde, apareceu em certa aldeola da costa um automóvel aberto, rápido como o pensamento.

Já alguém tinha dado por ele quando ainda vinha à distância, roncando pela estrada fora. De longe, como era vermelho, vermelho-vivo, lembrava uma chama de rastilho a romper no asfalto por entre mar e cabeços.

«Que terra é aquela?», perguntou uma rapariga que vinha lá dentro.

«São Qualquer Coisa», respondeu-lhe o homem que a acompanhava. «São Rafael, parece-me.»

Era pessoa dos seus quarenta anos ou nem isso. Guiava de largo, cabeça para trás, mão pousada no volante. À parte o cabelo ralo e o olhar suave, todo ele, pele e gestos, tinha um aspecto terra-a-terra: dedos ossudos, pulsos chatos, unhas rasas, cor e modos de camponês — melhor: de descendente de camponês. Vinha de camisolão grosso, cachimbo nos dentes.

Este ar de terra-a-terra é fácil de perceber-se nalguns infantes da lavoura que gastam a maior parte da vida nas grandes capitais. Nesses, as falas provincianas e o tom com que se dirigem aos criados são coisas cultivadas, uma espécie de marca de estirpe para os diferenciar do resto dos mortais que não têm terras nem passado para lá da cidade. São outra gente; gozam a paz da fortuna e das famílias, bebem vinho tinto nos bares do Guincho ou de Cascais

sem que alguém lhes leve a mal. Julgam, em suma, a cidade à medida da aldeia. E passeiam-se nela.

«Como os velhos reis», costumava dizer o homem do carro vermelho; e nisso havia uma pontinha de desdém até por ele próprio. «Como os monarcas que desciam à rua para enriquecer o sangue nos ventres populares.»

No entanto, ele, indivíduo de modos terra-a-terra, não se podia comparar a qualquer dos ditos infantes da lavoura. Se tinha esse à-vontade seria em parte pelo descuido que dá a segurança, e muito principalmente por cansaço, por desencanto.

Ia, pois, este homem ao volante e ao lado dele a rapariga. Saíram da estrada por um atalho abandonado, todo pedras e buracos, e a companheira leu numa placa à entrada do povoado:

«São Romão.»

«Exactamente, São Romão.»

Povoado, povoado, não seria muito justo chamar a meia dúzia de casas assim, perdidas por esquecimento no alto das falésias. Casas? Também nem isso. Um punhado de gaiolas, quando muito — gaiolas de adobe e falheiro, empoleiradas sobre o oceano e com ventos e gritos de aves marinhas a salpicarem-nas de cima. Ruas, uma só; aquela por onde o carro avançou, de rádio aberto e antena a dar a dar

*«I'll get by
as long as I have you...»*

A rapariga abriu mais o rádio:

«Adoro a voz deste tipo.»

Casas à esquerda, casas à direita, redes apodrecidas e covos de lagosta pendurados nas paredes. E o carro aos bordos pelo meio daquilo. Parecia uma barca radiosa a vogar num mundo antigo.

«Que fedor», queixou-se a rapariga.

O companheiro sorriu:

«É das redes. Quando estão muito tempo sem ir ao mar deitam este cheiro.»

Saltou-lhes um cão ao caminho. Ladrava como um desesperado, cuspia lume pelos olhos, empinando-se ao lado do automóvel. Magro que se lhe contavam as costelas.

«Leão», gritou-lhe uma voz. «Leão.»

A moça que ia no carro voltou-se; a voz sumiu-se por encanto. Nem vivalma. Então desligou o rádio e repetiu:

«Fedor, Santo Deus.»

A rua de São Romão tinha tanto de acanhada como de torta, cheia de valas e pedregulhos. O automóvel quase que a tapava a toda a largura, e depois, com aquele cão desalmado a acompanhá-lo, não lhe ficava um palmo livre de parede a parede.

«Foge, desgraçado», avisou o homem, baixinho.

Logo adiante havia uma taberna — devia ser uma taberna por causa do ramo de louro à entrada. Um vulto que atravessava a rua esgueirou-se lá para dentro e os dois viajantes, como seguiam devagar, tiveram tempo de ver no fundo da loja uma fila de pessoal alinhada contra o balcão mas de olhos na porta. Quedos, mudos, e de olhos na porta. A barca navegava entre esperas, perseguida pelo cão de Lázaro e pela brisa empestada de peixe.

«Gosto disto», segredou a jovem. «Esta gente tem personalidade.»

CAPÍTULO SEGUNDO

Passada a povoação, acharam-se num campo ermo estendido a perder de vista pelas falésias da costa. Era um verdadeiro deserto suspenso sobre o mar, um descampado à flor dos altos rochedos que rompiam lá dos abismos das águas e que, a bem dizer, representavam os ossos da terra, aquilo que aguentava a terra para não se desmanchar.

O carro chegou a esse deserto ou a esse descampado e, acto contínuo, apearam-se os viajantes — o homem de quarenta anos, se tanto, e a companheira *. Dizia esta olhando em redor:

«Mas isto é estupendo, João. Nunca imaginei que houvesse um sítio tão espantoso. É livre, é bom.»

De pé, em pleno areal devorado pelas unhas dos cardos e pelos ventos de todo o ano, mais alegre se tornava a figura dela. Trazia um casaco de Inverno e, por baixo, camisola e calças de passeio, tudo de bonitas cores. Por essa razão, e também por ser bem-feita de formas, muito esguia, muito ágil, era um grito de vida a tremular entre tanta desolação. Girava nos calcanhares, de casaco aberto ao vento, à roda, à roda, como uma criança no recreio.

«É bom, é livre.» O viajante tinha a frase de ouvido. Uma jovem que diz «Isto é bom, é livre» considera-se, com toda a certeza, encantada consigo mesma por ter empregado palavras tão simples

* Guida Sampaio, vinte e três anos, licenciada, salvo erro, em Filologia Germânica pela Universidade de Lisboa.